

A EROTIZAÇÃO DA MULHER EM ANÚNCIOS PUBLICITÁRIOS DE PERFUMES COMO MARCA DE SUA SUBMISSÃO

Graziela Taís Baggio Pivetta e Sandra Novello Silvestri (Mestrandas, UPF)

grazielapivett@hotmail.com

sandranovello@yahoo.com.br

RESUMO: Este artigo analisa a presença de Formações Discursivas que se contrapõem em anúncios publicitários dos perfumes *Live* e *Deseo* da grife *Jennifer Lopez*, ambos publicados na Revista Nova, respectivamente em janeiro e maio de 2008. A fundamentação teórico-metodológica está pautada na teoria da Análise do Discurso de linha francesa. Considerando que é no discurso que os sentidos se confrontam e que estes, por sua vez, não estão prontos e acabados no enunciado, tornam-se, segundo Pêcheux (1997, p. 53) “uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação”, novos efeitos de sentido vão surgindo porque a Formação Discursiva da qual fazem parte não é uma nem homogênea e os sentidos vão sendo determinados, não somente pela materialidade lingüística, como também pelas condições de produção. É nas análises dos anúncios publicitários que compõem o *corpus* deste artigo que podemos perceber o “atravessamento” de Formações Discursivas diferentes e contraditórias: uma que nos revela a independência que as mulheres conseguiram nos últimos anos, principalmente em relação a sua sexualidade; e outra que nos mostra a sua submissão, mesmo que de forma não declarada, a um discurso machista que as torna *femmes fatales*, tomando a imagem dessa mulher como uma forma de movimentar o capitalismo presente na sociedade atual.

Palavras-chave: Formação Discursiva, Formação Ideológica, Condições de Produção

1. Introdução

O propósito deste artigo é procurar mostrar que num mesmo enunciado podem existir os atravessamentos de várias Formações Discursivas (doravante FD) que permitem a construção de novos sentidos. Como estes não estão determinados *a priori*, pretendemos, através de um “gesto” de interpretação, nas pistas oferecidas pela materialidade lingüística presente no *corpus* escolhido para análise, construir uma possibilidade de sentido, que certamente não é única para este enunciado, pois os sentidos sempre podem vir a “tornarem-se outros”.

No decorrer do artigo procuramos mostrar a trajetória do conceito de FD para a Análise de Discurso (AD) de linha francesa. Retomamos a sua origem em Foucault com “A Arqueologia do Saber” e passamos para Pêcheux com a reconfiguração desse conceito de FD, noção importante para os estudos da linguagem e bastante presente em trabalhos elaborados no campo dessa teoria.

Na análise do *corpus* procuramos mostrar a presença e/ou o “entrecruzamento” de mais de uma FD que, muitas vezes, se contrapõem, representando um lugar de articulação entre língua e discurso e compreendendo o lugar de construção dos sentidos. É na interação entre as FDs e através de suas condições de produção que a identidade do discurso se evidencia e que os sentidos são construídos, embora um objeto de análise não possa ser tomado como um objeto acabado e com um único e determinado sentido.

2. Formação Discursiva: de Foucault a Pêcheux

Podemos dizer que a formulação do conceito de FD tem dupla paternidade¹: primeiramente com Michel Foucault em “A Arqueologia do Saber” no final dos anos 60 na França e, alguns anos depois, no início dos anos 70, com Michel Pêcheux, Claudine Haroche e Paul Henry surge uma reconfiguração desse mesmo conceito com base no althusserianismo.

A formulação do conceito de FD em Foucault está principalmente em sua obra “A Arqueologia do Saber”, publicado em 1969. Para esse autor existe uma FD quando:

Se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, o conceito, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diversos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva. (FOUCAULT, 2002, p. 43)

No decorrer de sua obra o autor descreve cada um desses elementos componentes de uma FD. Todos esses elementos citados caracterizam uma FD e formam um conjunto de regularidades que determinam sua homogeneidade e fechamento. As transformações ocorrem, mas estão submetidas à regra da regularidade, pois Foucault não vê a ideologia como um princípio organizador da FD.

Ao contrário do estável e do sistemático preconizado pela Lingüística, somos convidados por Foucault a entender que na zona do dizer há falhas, há equívocos e há silêncios e, que, portanto, nada está estabilizado, nenhuma linearidade ou transparência explica o funcionamento do discurso. Ele, o discurso, é tratado por Foucault (1969) não como documento, mas como monumento, em que o conjunto de enunciados é produzido sob determinadas condições, ou seja, o discurso se constitui de acontecimentos reais e dispersos, não podendo ser analisado fora do tempo em que se desenvolveu.

No discurso, há dizeres que vêm de diversos lugares, por isso ressignificam através das dispersões que se reconfiguram incessantemente, (re)formulando regras. É pelo eixo da descontinuidade que se percebem as regularidades discursivas, as quais são princípios de construção e de dispersão. Assim, a partir das relações em forma de redes, (metáfora usada por Foucault) as regularidades e as dispersões designam o lugar das FDs: espaço homogêneo e heterogêneo ao mesmo tempo.

Foucault é o primeiro dos estudiosos da linguagem a falar em FDs na preocupação em descrever as relações entre enunciados no campo do discurso. A FD, para esse autor, trata da relação de um sistema de dispersão, em que se pode observar uma regularidade (ordem, posições, funcionamentos e transformações) relacionada a objetos, tipos de enunciação, conceitos e escolhas temáticas. E, vinculada à idéia de dispersão está a noção de unidade discursiva. Logo, ao tratarmos de um determinado tema, a relação com a história se faz imprescindível, e ao mencionarmos história estamos certos de que, apesar dos muitos acontecimentos que ela envolve, ela própria permitirá “reagrupar uma sucessão de acontecimentos dispersos; relacioná-los a um único e mesmo princípio organizador” (FOUCAULT, 2002, p. 24). Isso quer dizer que, sempre que se puder definir uma regularidade entre certo número de enunciados, estamos diante de uma FD.

Ainda conforme as noções foucaultianas, um conjunto de enunciados pertence a uma FD como a frase pertence ao texto e esses enunciados estarão apoiados numa mesma FD, constituindo o que Foucault chamou de discurso. Logo, os discursos são uma dispersão formada por elementos que não estão ligados por nenhum princípio de unidade *a priori*, cabendo à AD descrever essa dispersão, buscando regras de formação que regem a formação dos discursos. No dizer desse autor, os discursos apresentam-se ligados a outros discursos o que é denominado de “um nó em uma rede” (FOUCAULT,

2002, p. 26), lembrando que a origem dos discursos é sempre uma origem secreta e, assim, todo começo não deixa de ser um recomeço.

Foi com base na concepção althusseriana de ideologia que Pêcheux formulou sua teoria do discurso, embora em alguns textos tenha afirmado que o conceito de FD em que trabalha seja “emprestado” de Foucault. Entretanto, Foucault concebeu a FD em termos de saberes/ poderes, não trabalhando com as questões da luta de classes e da ideologia, enquanto Pêcheux usa termos advindos de Marx.

O termo FD usado por Pêcheux surgiu na década de setenta, com o seguinte conceito:

aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina *o que pode e deve ser dito* (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição se um programa, etc). (PÊCHEUX, 1995, p. 160, grifo do autor)

Pêcheux, em seu conceito de FD, determina a obrigatoriedade de um dizível vinculado a uma posição ocupada pelo sujeito em uma situação específica, isto é, ao utilizarmos esse conceito no *corpus* escolhido para análise, buscamos um posicionamento ideológico do enunciador, verificando os possíveis sentidos postos no dito deste *corpus*. Trata-se aqui de um sujeito “descentrado”, projetado num espaço e num tempo. Essa projeção situa o discurso desse sujeito histórico e ideológico em relação aos “discursos outros” que emergem em seu dizer vindos do interdiscurso. No interior de uma FD coabitam vozes dissonantes que se cruzam, divergem e opõem-se, entre outras relações, pois uma FD é, segundo Pêcheux (1995), constitutivamente freqüentada por seu outro, que é o interdiscurso.

Quando falamos em interdiscurso, automaticamente mobilizamos um já-dito que constitui uma FD e que se relaciona com outras FDs, conseqüentemente, produzindo

diferentes sentidos ao se inscrever nesta e não naquela formação discursiva. Logo, uma FD nunca é homogênea, caracterizando-se por uma incompletude e dispersão histórica.

Para chegar ao conceito de FD no quadro da Análise do Discurso, Pêcheux, em co-autoria com Fuchs, parte do conceito de formação ideológica (FI), o qual constitui um conjunto de atitudes e representações que não são nem individuais nem universais, mas comportam uma ou várias formações discursivas interligadas. Assim, nas palavras de Fernandes (2005, p. 48), “uma formação discursiva revela formações ideológicas que a integram”. Ou, dito de outra forma por Orlandi (2001, p. 43), “as formações discursivas, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente” e em relação a outros dizeres.

Em síntese, a FI é um conjunto de representações e idéias que uma classe tem do mundo e é no discurso e pela formação discursiva que se materializará essa visão. Através da FD o indivíduo constrói seus discursos e no dizer do sujeito se manifesta o dizer do grupo social onde ele está inserido.

Os objetos do discurso de um sujeito falante (seqüências discursivas) são dominados por uma determinada FD e são provenientes do interdiscurso, bem como as articulações entre esses objetos mediante os quais o sujeito vai dar coerência a seu propósito, a qual se dará no intradiscurso. Também os sentidos estão sob a dependência das FDs, pois esses objetos do dizer do enunciador, ao mudarem de FD, podem vir a ter outros sentidos. Essa formulação é aprofundada por Courtine no parágrafo que segue.

Para Courtine (2007, p. 123) “un elemento del interdiscurso se nominaliza y se encadena en el intradiscurso con forma de preconstruido, es decir como si este elemento ya se encontrara allí de antemano”. O pré-construído remete às evidências através das

quais o sujeito dá aos objetos de seu discurso em uma determinada situação “o que cada um sabe” e “o que cada um pode ver”. Courtine (2007, p. 123) continua afirmando que “el interdiscurso funciona, así, como un *discurso transversal*, a partir del cual se realiza la articulación mediante la cual el sujeto enunciator da coherencia al hilo de su discurso”: el intradiscurso de una secuencia discursiva” (grifo do autor).

A FI tem como um de seus componentes uma ou várias FDs interligadas. Dessa forma as FDs representam as FIs que lhes correspondem. As palavras, então, mudam seu sentido segundo as posições ocupadas pelos sujeitos que as empregam, pois o sentido é construído de acordo com as FIs em que essas posições estão inscritas. Portanto, as palavras mudam de sentido ao passarem de uma FD para outra. Para Courtine (2007, p. 122),

las FD son componentes inter-ligados de las FI. Esto implica que las FD que constituyen la misma FI pueden distinguirse unas de las otras (en función, por ejemplo, de su “especialización”), pero sobre todo, que las FD que dependen de FI antagónicas, aliadas... mantengan entre ellas relaciones contradictorias que se inscriban necesariamente en la materialidad misma de esas FD, es decir, en su materialidad lingüística.

As FDs dependem de condições de produção específicas, nas palavras de Pêcheux (1993, p. 77) “um discurso é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas”. Essas Condições de Produção (daqui a diante CP) não correspondem apenas à materialidade histórica, há também a situação do discurso, o conjunto das formações imaginárias², as posições ocupadas pelo sujeito, os mecanismos e as regras de uma formação social. Segundo Pêcheux (1993, p. 82-83), situações diferentes podem vir a corresponder a uma mesma posição ou uma única situação pode vir a ser representada por várias posições. Portanto, a posição dos protagonistas do discurso intervém a título de condições de produção do discurso. Pertencem igualmente às CPs o referente, o

contexto e a situação na qual aparece o discurso (esquema de comunicação elaborado por Jakobson (1963, p. 214)).

Pêcheux não vê nos protagonistas do discurso apenas sua presença física, mas lugares determinados na estrutura da formação social que ocupam. E, de acordo com o que chamamos de formação imaginária, é possível, no decorrer do processo discursivo, o emissor poder antecipar as representações do receptor e, nessa previsão do “imaginário” do outro, construir estratégias de discurso.

De acordo com Gregolin (2007, p. 166) “todo discurso é fundamentalmente heterogêneo e está exposto ao equívoco porque se relaciona sempre com um discurso-outro”. Isso quer dizer que, embora uma formação discursiva contenha regularidades, ela não é una, ao contrário, é heterogênea porque no interior de uma mesma FD existe o espaço para as divergências e é o local de coexistência de vozes que se entrecruzam, pois existe a presença de outros discursos, de outras vozes.

As FDs fazem com que os sujeitos falantes situados em uma determinada conjuntura histórica concordem ou não sobre qual sentido é necessário atribuir às palavras. Podemos dizer que em uma FD há a circulação de saberes e que não existe uma linguagem única para todos, logo uma FD é heterogênea porque ela está entre diversas outras FDs, embora a FD busque a homogeneidade discursiva determinando a seus falantes “o que deve e pode ser dito”.

Não é possível “cristalizarmos” (termo usado por Indursky) uma FD, isto é, trabalharmos com um conceito fechado e homogêneo de FD porque pode ocorrer a entrada de novos saberes anteriormente alheios, assim produzindo a reconfiguração da própria FD. Segundo Indursky (2007, p. 84) “isto ocorre porque a FD é dotada de fronteiras bastante porosas que permitem [...] a entrada de certos saberes que lhe eram

alheios em um outro momento”. Fato que se dá porque o sujeito enunciador, a qualquer momento, pode desidentificar-se com uma FD para inscrever-se e identificar-se em outra FD.

Talvez seja mais fácil trabalharmos com um conceito que vê a FD como uma “maquinaria discursiva fechada”. Porém, é necessário levarmos em conta que as FDs possuem “fronteiras” instáveis e, a qualquer momento, saberes antes “desconhecidos” podem inscrever-se numa determinada FD. Dessa forma a sua estabilidade é “quebrada” dando espaço e/ou transformando-a em um local de tensões e contradições.

3. O entrecruzar de Formações Discursivas e a produção de sentidos

Como a linguagem é cheia de “falhas” e “brechas” é aí que o sujeito encontra oportunidade de elaborar seus sentidos para determinado enunciado. De acordo com Pêcheux (1993, p. 172) “a língua constitui o *lugar material* onde se realizam estes efeitos de sentido” (grifo do autor). As palavras podem ser as mesmas, mas quando empregadas em situações, ou melhor, em FDs diferentes, o sentido não será o mesmo. As mesmas palavras mudam de sentido segundo as posições tomadas por aqueles que as empregam de acordo com CP específicas daquele momento.

Então, como diz Pêcheux (1993, p. 79) “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência lingüística fechada sobre si mesma”. É necessário fazermos referências a outros discursos possíveis, ou seja, a outras FDs e levarmos em conta as condições de produção desses discursos. A partir daí o sujeito se identifica com a FD que considerada dominante e, a partir dela, constrói o “seu” sentido para aquele discurso.

Em relação ao *corpus* escolhido para a análise, percebemos o entrecruzar de diferentes FDs que chegam até mesmo a se contradizerem. Em uma FD temos a presença da independência que as mulheres conquistaram nos últimos anos, principalmente em relação a sua sexualidade e, na outra FD, temos a sua submissão, mesmo que de forma não declarada, a um discurso machista que as torna *femmes fatales*.

A mulher vem lutando há décadas pela sua independência, principalmente, no que concerne a questões sexuais. Sua vida não está mais restrita ao casamento e aos cuidados do lar e dos filhos. Com o passar dos anos foi necessária sua presença no mercado de trabalho, a fim de auxiliar no orçamento doméstico. Conforme Coracini (2007, p. 80), “com o desenvolvimento industrial e, como consequência, com a queda da qualidade de vida e uma necessidade mais forte de dinheiro e de aumento do poder aquisitivo da família, a sociedade brasileira começou a aceitar, não sem relutar fortemente, o trabalho da mulher”. Porém, de nada adianta as mulheres sentirem-se independentes e realizadas se, por outro lado, estão assujeitadas a um discurso de dominação masculina que as torna estereótipo de mulher enquanto objeto sexual.

No anúncio publicitário do perfume *Live*, temos a dupla imagem da atriz Jennifer Lopez em poses sensuais e provocantes, acentuada pelo tamanho do decote de seu vestido que deixa parte dos seios à mostra. Os cabelos esvoaçantes, o olhar sedutor marcado pela boca entreaberta e as pernas a mostra dão a sensação de liberdade conquistada pela mulher ao longo de décadas de marginalização e de preconceitos.

Na figura 1, Jennifer encontra-se amparada por uma imagem masculina, a qual está com o rosto oculto, aparecendo apenas parte de sua roupa. O que vemos de evidente que se trata da presença masculina é uma de suas mãos à mostra, que se

encontra justamente dessa forma devido ao fato de estar segurando a atriz pela cintura. Essa mão masculina representa a FD machista e sexista que diz que a mulher precisa ser protegida/amparada por um homem.

Do pescoço de Jennifer parte uma faixa envolvendo a cintura de sua outra imagem como se essa estivesse desempenhando a função de “regulá-la” em seus devaneios, pois essa segunda imagem está de olhos fechados e parece estar sonhando e sentindo a liberdade tão esperada e desejada pelas mulheres. A faixa envolta nas duas imagens está representada na grafia do nome do perfume (*Live*) em inglês, que pode vir a significar “vivo” ou “permanecer vivo”.

O segundo anúncio da mesma grife trata do perfume *Deseo* e não deixa claro se o objeto de desejo é o perfume ou a atriz seminua sentada em uma rede. Jennifer se encontra com parte de seu corpo à mostra e parte dele entrecoberto e protegido pela rede. Essa ambigüidade de sentido também se encontra na frase em inglês “let desire lead you”, presente no anúncio, que significa “deixe o desejo conduzir você”. Novamente o olhar sedutor representado pela boca entreaberta e pelos cabelos desgrehados da atriz que, ao mesmo tempo que mostra uma mulher liberal e despojada de princípios conservadores, induz a desejos sexuais que a tornam uma *femme fatale*.

Os dois anúncios publicitários utilizam a imagem do corpo da mulher em poses insinuantes como estratégia de incentivar o consumismo, pois mostram e induzem a pensar que a mulher que usa perfumes dessa grife também poderá ser desejada e invejada, por ser livre e sedutora. Já em relação ao discurso machista, este se encontra presente nas entrelinhas e, muitas vezes, passa imperceptível pela maioria do sujeito-leitor(a) que acredita numa linguagem transparente e sem “desvios”. Cabe à AD e ao

analista de discurso mostrar justamente o oposto: uma linguagem opaca, repleta de possibilidades de diferentes construções de sentidos.

Considerações Finais

As fronteiras de uma FD não são fixas, ao contrário, são tênues, devido ao fato de as FDs estabelecerem relações umas com as outras e, a partir dessas relações que podem não ser de identificação, surgem os efeitos de sentido. É comum, por exemplo, a apropriação que o discurso publicitário faz de outros discursos como o religioso, o político... Dessa “mistura” podem surgir sentidos diferentes para um mesmo grupo de palavras, pois vai depender da situação em que aparecem e da FD da qual fazem parte. Trata-se de palavras que, ao atravessarem a fronteira de uma FD para outra, não carregam consigo o mesmo significado porque este nunca é único. Cabe ao analista de discurso investigar sob quais condições, que não são unicamente da ordem da linguagem, se constitui determinado enunciado, pois suas CPs vão determinar não só as circunstâncias da enunciação bem como o seu contexto histórico, social e ideológico.

As palavras não têm, portanto, seu sentido vinculado à sua literalidade. De acordo com Pêcheux (1975, p. 161), palavras, expressões ou proposições podem ter sentidos diferentes porque estes se constituem, em cada FD, em suas relações com outras palavras da mesma FD. Também pode ocorrer que essas mesmas palavras, expressões ou proposições, ao passarem de uma FD para outra, mudem completamente de sentido.

ABSTRACT: This paper proposes an analysis of the presence of Discursive Formations that oppose each other in the advertisements of the perfumes *Live* and

Deseo of the Jennifer Lopez brand, both published in the Revista Nova, respectively in January and May of 2008. The theoretical-methodological grounding is based on the theory of French Discourse Analysis. Considering that it is in the discourse that the senses are confronted and that these, in turn, are not ready and finished in the statement, they become, according to Pêcheux (1997, p. 53), “a series of possible drift points, offering place to interpretation”; new meaning effects appear because the Discursive Formation of which they are part is neither one nor homogeneous and the senses are determined not only for their linguistic materiality, but also for the production conditions. It is in the analyses of the advertisements that compose the *corpus* of this paper that we can notice the intersection of different and contradictory DFs: one that reveals the independence that women have achieved in the past years, mainly in relation to their sexuality; and another that displays their submission, even if in a veiled way, to a macho discourse that turns them into *femmes fatales*, taking that woman's image as a way of moving present capitalism in the current society.

Keywords: Discursive formation, Ideological formation, Conditions of production

REFERÊNCIAS

- CORACINI, Maria José. “Discurso de e sobre a (in) submissão feminina”. In *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 79-96.
- COURTINE, Jean-Jacques. “El concepto de formación discursiva”. In BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 119- 141.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. “Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades”. In BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 155- 168.

INDURSKY, Freda. “Da interpelação à falha no ritual: a trajetória teórica da noção de formação discursiva”. In BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. p. 75- 87.

NOVA COSMOPOLITAN. Ed. Abril, nº 1, janeiro de 2008. p. 15.

NOVA COSMOPOLITAN. Ed. Abril, nº 5, maio de 2008. p. 19.

PÊCHEUX, Michel. “A análise de discurso: três épocas”. In GADET; HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997 (1983). p. 311-319.

_____. “Análise automática do discurso (AAD-69)”. In GADET; HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 1997. p. 61-105.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 2ª Ed. Tradução Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 1997.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad. Eni P. Orlandi et al. 2ª. ed. Campinas: Unicamp, 1995.

PÊCHEUX & FUCHS. “A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas”. In GADET; HAK (orgs.). *Por uma análise automática do discurso*. 3ª ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997 (1975). p. 163 -252.

¹ Conceito usado por Baronas In: BARONAS, Roberto Leiser (org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2007.

² “[...] o que funciona para processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. (Pêcheux, 1993, p. 82)

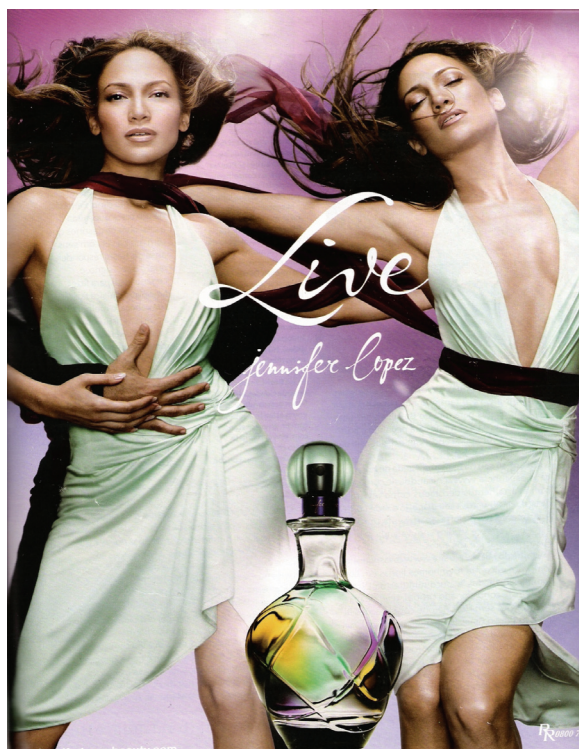


Figura 1- Anúncio publicitário do perfume *Live*

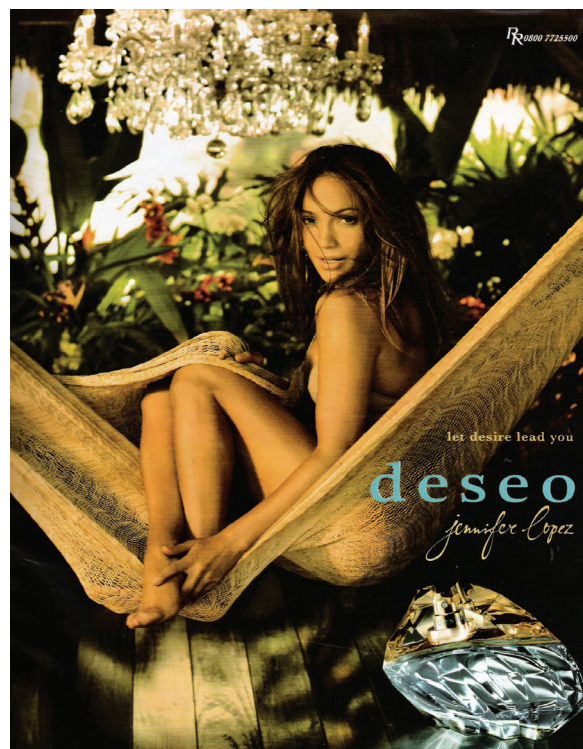


Figura 2- Anúncio publicitário do perfume *Deseo*